

CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY E BAKHTIN PARA A LINGUAGEM: INTERAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

RADAELLI, Maria Eunice¹

RESUMO

Admitir a linguagem como interação social é percebê-la como interatividade entre os sujeitos que com ela praticam ações em seus “diferentes falares”. Isso requer um novo paradigma sobre os sujeitos da ação enunciativa que emitem e organizam vozes buscando efeitos e significados. Nesse viés, este artigo baseia-se essencialmente nas abordagens teóricas de Bakhtin e Vygotsky sobre a questão da interação pela linguagem. Além destes autores, também são ressaltadas as considerações de autores que os interpretam, tais como, Geraldi e Oliveira. Essas contribuições linguísticas à alfabetização deslocam as atenções da linguagem de aspectos puramente formais para aspectos enunciativos discursivos. Nessa perspectiva, o sujeito passa a ser visto como autor do processo de interação, com condições para transitar por diferentes discursos e construir um próprio, a partir de sua condição de leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Linguagem; Interação.

CONTRIBUCIONES DE VYGOTSKY Y BAKHTIN PARA EL LENGUAJE: INTERACCIÓN EN EL PROCESO DE ALFABETIZACIÓN

RESUMEN

Aceptar el lenguaje como interacción social es percibirla como interactividad entre los sujetos que con ella practican acciones en sus diferentes formas de hablar. Ello requiere un nuevo paradigma de la acción enunciativa que emiten y organizan voces buscando efectos y significados. Para eso, el texto está basado, esencialmente, en las teorías de Bakhtin y Vygotsky con respecto a la interacción del lenguaje y otros autores que los interpretan, como por ejemplo Geraldi y Oliveira. Esas contribuciones de la lengua a la alfabetización, llevan la atención del lenguaje de aspectos puramente formales para aspectos enunciativos discursivos. En esta perspectiva el sujeto pasa a ser visto como autor en esa interacción, con condiciones para transitar por diferentes discursos y construir el suyo.

PALABRAS-CLAVE: Alfabetización. Lenguaje. Interacción.

¹ Mestre em Linguística – Língua Portuguesa pela UNESP de Araraquara – SP. Coordenadora do curso de Pedagogia da Faculdade Assis Gurgacz – FAG. mariaeunice@fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A análise das abordagens teóricas de Vygotsky e Bakhtin em relação ao processo de interação social permite-nos perceber que os dois autores visavam à dialética do subjetivo e do objetivo, mediados pela linguagem. Para eles, o sentido das coisas é dado ao homem pela linguagem. Na linguagem, no diálogo, na interação, estão o tempo todo, o sujeito e o outro.

Bakhtin analisou a estrutura da enunciação na língua corrente pela inter-relação no dialogismo. Para ele, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (Bakhtin, 1992, p. 112). Vygotsky, ao elaborar uma teoria do conhecimento, procurou a possibilidade de o homem, através de suas relações sociais, por intermédio da linguagem constituir-se e desenvolver-se como sujeito.

Essas abordagens conferem à linguagem uma natureza social, deslocando a atenção na alfabetização de aspectos puramente formais para aspectos enunciativo-discursivos. O aluno passa a ser visto como sujeito de interação, com condições para “transitar” por diferentes discursos, em diferentes modalidades (oral, escrita) para construir um próprio.

Passou o aluno a ser, então, visto como sujeito do ato educativo em interação com o objeto. O professor também passou por interações, trocas, informações e só lhe é possível trabalhar o conhecimento, de modo como ele o concebe, enquanto linguagem.

Assim, a linguagem, com a qual o homem se comunica, adquire importância primordial nas relações professor/aluno/escola/relações sociais, pois a educação como prática social é uma atividade ligada às relações entre as classes e se constitui como forma concreta dessas relações.

Para estudo dessas questões, as ideias de Vygotsky e de Bakhtin, sobre aspectos da linguagem, serão evidenciadas.

2 A INTERAÇÃO DA LINGUAGEM SEGUNDO VYGOTSKY

Vygotsky, expoente da corrente sociointeracionista, explicita a mediação e a origem das funções mentais pelo conceito de internalização, ou seja, o mecanismo pela qual uma atividade externa se torna uma atividade interna. A partir dessa perspectiva, a linguagem e a consciência

deixam de ser vistas como faculdades naturais humanas, para se constituírem em produtos de ação coletiva dos homens, desenvolvidos ao longo da história.

Nesse viés, as ideias de Vygotsky, colocando a zona de desenvolvimento proximal como possibilidade de aprendizagem através da ação, propondo a interferência do professor para que haja o aprendizado, poderão também ser interpretadas como um processo direcionador, autoritário, se não for bem entendido e sua concepção de trabalho. Será muito diferente ensinar a linguagem padrão para uma criança que não convive com ela, do que para outra que já a utiliza. Porém, nos dois casos, a escola, tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão, a partir do desenvolvimento de conhecimentos já consolidados. Para Oliveira, interpretando Vygotsky:

[...] o processo de ensino-aprendizagem na escola deve ser construído, então, tornando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança – num dado momento e com relação a um determinado conteúdo a ser desenvolvido – e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola, supostamente adequados à faixa etária e ao nível de conhecimento de cada grupo de crianças. O percurso a ser seguido nesse processo estará balizado pelas possibilidades das crianças, isto é, pelo seu nível de desenvolvimento potencial (Oliveira, 1998, p.62)

Logo, o nível de desenvolvimento real serão as reiterações da aprendizagem no caso da linguagem, organizadas pelo professor, que proporcionarão essa aprendizagem, uma vez que a escola tem a função específica de trabalhar com o saber sistematizado.

Considerar, pois, a alfabetização do ponto de vista linguístico significa nos aproximarmos um pouco mais de seu aspecto operacional, enquanto interlocução, ou seja, dar ênfase à interação na oralidade. A vida das pessoas, no caso aluno/professor, representados em suas relações sociais, baseia-se no ato interativo e, para isso, é imprescindível a atuação da linguagem na oralidade, pois, além de ter a função social e comunicativa, possui a função organizadora e planejadora do pensamento.

A partir dessa visão, Vygotsky busca compreender o sujeito marcado pela história, pela cultura e pela classe social. Não se trata de perceber estágios ou níveis, mas sim de zonas de desenvolvimento real, proximal e potencial. O conceito de zona de desenvolvimento proximal é (à distância, o caminho que o conhecimento terá que percorrer, através da intervenção sócio-cultural), para se deslocar da zona de desenvolvimento real – (etapas já alcançadas ou a

capacidade de realização de tarefas de forma independente) – e o nível de desenvolvimento potencial (sua capacidade de realizar tarefas com o auxílio do adulto ou outras crianças).

Nesse caso, o papel do outro (adulto, no caso professor, ou criança mais experiente – colega) torna-se fundamental para a construção da consciência. A linguagem social e histórica vai se tornando a linguagem interior. É a internalização da linguagem.

Vygotsky, ao tratar da linguagem, estava interessado em um modelo de produção do pensamento no qual ela tem um papel determinante, sendo o mais importante esquema de mediação do comportamento humano.

Ao abordar o desenvolvimento intelectual e linguístico das crianças, Vygotsky (1998, a, b) desenvolveu seu tema, relacionando a interiorização do diálogo em fala interior. Ela oferece uma nova maneira de perceber os conceitos espontâneos das crianças. É a imagem do homem que confere um lugar central ao esforço de aprender a dominar a natureza, como um instrumento que nos liberta dos esforços e resultados anteriores.

Destaca que, a passagem de um nível de significado a outro não se dá separadamente, mas gradualmente estende-se a conceitos mais antigos, à medida que são introduzidos nas operações intelectuais superiores, Para ele:

A função primordial da fala é a comunicação, o intercâmbio social. Quando o estudo da linguagem se baseava na análise em elementos, também esta função foi dissociada da função intelectual da fala. Ambas foram tratadas como funções separadas, até mesmo paralelas, sem se considerar a interrelação de sua estrutura e desenvolvimento (VYGOTSKY, 1998 b, p. 6)

E acrescenta, “uma palavra sem significado, é um som vazio, que não faz parte da fala humana”. Mesmo a fala egocêntrica da criança, é um estágio transitório da fala oral para a fala interior. Ao desaparecer, ela não se atrofia, mas se esconde; isto é transforma-se em fala interior. Faz uma análise na questão do papel do egocentrismo na relação evolutiva entre a linguagem e o pensamento, levando em conta o meio e as questões sociais.

Para ele, a aprendizagem se inicia muito antes da criança entrar na escola, através de suas experiências cotidianas, no contato com as pessoas, com seu meio, com sua cultura. A contribuição de Vygotsky às questões escolares, na alfabetização, constitui-se em uma concepção de que as funções psíquicas do indivíduo são construídas na medida em que são utilizadas,

sempre na dependência do legado cultural da humanidade, através das relações interpessoais, dentro da sociedade à qual pertence.

Através dessas relações, a criança entra em contato com o mundo que a rodeia, apropriando-se da experiência acumulada no discurso da história social. “de modo similar ao que acontece na história de uma língua, a transformação de significados, também ocorre no processo de aquisição da linguagem pela criança.” (Vygotsky 1998 a: 49) Para que isto ocorra, na situação escolar, Vygotsky trabalha com a ideia de que a intervenção na zona de desenvolvimento proximal se dá de forma deliberada e organizada e de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada. A presença de elementos mediadores é muito importante, e, no caso, pode ser a fala, a comunicação, a oralidade.

Portanto, o comportamento das crianças é determinado fortemente pelas características de situações concretas em que se encontram. Com a linguagem ou utilizando-se dela, poderão vivenciar situações interessantes para que os professores possam trabalhar em sala de aula.

A compreensão de Vygotsky (1998) de que o complexo sistema cognitivo da consciência individual não se limita a experiência pessoal se assenta nesse preceito. Ela aflora e se desenvolve pelo partilhar de universos sócio-culturais.

Neste sentido, em muito as contribuições de Bahktin podem contribuir como linguagem social.

3 A LINGUAGEM SOCIAL DE BAKHTIN

Bahktin (1992, p.90) destaca que o valor de qualquer enunciado não é determinado pela língua como sistema puramente linguístico, mas pelas diversas formas de interação que a língua estabelece com a realidade, com sujeitos falantes, ou com outros enunciados. Todo enunciado é um diálogo e faz parte de um enunciado ininterrupto. Nesse sentido, a linguagem é vista como fenômeno social, tornando-se a língua inseparável do fluxo da comunicação verbal.

Assim, para o autor, a palavra se apresenta em suas múltiplas enunciações de sua própria prática linguística e somente compreendemos e reagimos àquelas palavras que nos despertam ressonâncias ideológicas ou concernente à vida.

Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva, e lançarmos sobre a língua um olhar digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua (BAKHTIN, 1992, p. 90)

Justifica o autor que, num dado momento do tempo, ela se apresenta como uma corrente evolutiva ininterrupta, e que o sistema sincrônico da língua de uma comunidade histórica só existe do ponto de vista do locutor de uma dada comunidade linguística, que participa dessa coletividade regida por normas linguística e acrescenta: certamente, essas normas variam. Diferem pelo grau de coerção que exercem, pela extensão de sua escala social, pelo grau de significação social que é função de uma relação mais ou menos próxima com a infraestrutura (BAKHTIN, 1992, p. 95)

Assim, é admissível que o historiador da língua adote um ponto de vista diacrônico, não constituindo uma realidade no sistema sincrônico da linguagem. Exemplifica ainda o autor que, no momento que César escrevia suas obras, a língua latina constituía para ele um sistema incontestável de normas fixas; mas que, para o historiador da língua latina, naquele mesmo momento, produzia-se um processo contínuo de transformação linguística, mesmo que ele não fosse capaz de registrá-lo.

Trata-se de perceber o seu caráter de novidade, pois para Bakhtin (1992) precisamente para os membros de uma dada comunidade linguística, o sinal e o reconhecimento estão dialeticamente apagados, destacando que no processo de assimilação de uma nova linguagem, considerada pelo autor como equivalente ao de aprendizado de uma língua estrangeira (estranha), o reconhecimento não foi ainda absorvido.

Trata-se também de familiarização do aprendiz com cada forma de linguagem inserida num contexto e em situações concretas com cada forma de linguagem inserida num contexto e em situações concretas. Uma palavra nova, isolada de um contexto, torna-se processo de compreensão, um peso muito forte; sendo assim, um conhecimento eficaz da língua, exige que ela seja apresentada não em seu sistema abstrato, mas, na estrutura concreta da enunciação, em seu caráter ideológico, pois na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial (Bahktin, 1992: 95)

Esse critério, de que a língua em seu uso prático é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida é visto ainda por muitos linguistas com reservas. Esta é a razão por que ainda se perpetua o papel histórico que a palavra estrangeira desempenha no processo da cultura, da religião e da organização política de cada povo invadido por uma cultura antiga e poderosa como foi no caso do Brasil, pelos portugueses.

Para Bakhtin (1992), cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso que funcionam como um espelho, refletindo o cotidiano. Nessa ótica, o falante não é um Adão bíblico que nomeia o mundo pela primeira vez. Cada um de nós já encontra um mundo falado por alguém, articulado e elucidado de modos diferentes. Aquele que aprende o discurso de outro não é um ser mudo, privado de palavras, mas, ao contrário, alguém pleno de palavras interiores. “A palavra” é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam. Por isso, a linguagem nunca está completa, pois é um projeto sempre caminhando, e sempre inacabado. Todas as vozes que antecederem aquele ato de fala estão presentes na palavra do autor. Os signos são o alimento da consciência individual. Se a privarmos de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. Portanto, a língua é inseparável do fluxo da comunicação verbal.

Para ele, o diálogo não significa apenas “alternância de vozes” e sim “o encontro e a incorporação de vozes” em um tempo e um espaço histórico. Nesse raciocínio, as vozes dos outros estão sempre povoando a (nossa) atividade mental individual. Em outras palavras, para Bahktin, a enunciação é sempre de natureza social. Não há enunciado isolado, ele pressupõe aqueles que antecederam e todos que o sucederam.

[...] “o dito dentro do universo já dito” é apenas um elo de cadeia [...] o ato da fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir de condições psicofisiológicos do sujeito falante. A enunciação é sempre de natureza social. (Bahktin, 1992: 95).

Bahktin também tem considerações a respeito da variabilidade da palavra. Ela pode ter sentidos diferentes de acordo com o contexto em que ela ocorre e torna-se dialética no sentido de diálogo, de resignação, de releitura. Apresenta-se através de sua natureza social e ideologicamente significante como enunciação. Assim, a língua se constitui em um processo de

evolução ininterrupto, realizado através da interação social da linguagem, colocando-nos como integrantes do discurso de outrem.

Quanto à situação escolar da alfabetização, a retomada da afirmação de Bakhtin (1992, p. 112) de que “a enunciação é o produto de interação de dois indivíduos socialmente organizados e de que a palavra é o signo ideológico por excelência”, busca demonstrar a natureza social de se integrar o discurso de outrem numa determinada época e num grupo social.

A partir das ideias de Bahktin (1992), podemos considerar que a língua não está pronta. Os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem uns com os outros. Sua consciência e seu conhecimento de mundo resultem como produto desse processo. Portanto, a língua é resultado do trabalho dos falantes, sendo o trabalho linguístico contínuo, realizando por diferentes sujeitos, em diferentes momentos históricos e em diferentes formações sociais.

Além disso, a comunicação da vida cotidiana não pode ser desvinculada da comunicação ideológica. Isso acontece nas conversas entre pais e filhos, irmãos e vizinhos, parentes, amigos, professores e alunos nos programas transmitidos pela televisão. Essas comunicações estão permeadas por valores e são tecidas por fios ideológicos, servindo de trama a todas as relações sociais.

Para Bahktin (1992, p. 70) a unidade do meio social e do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que a língua, a fala possa tornar-se um ato de linguagem.

De acordo com esses pressupostos e ancorado nas propostas Bakhtinianas, Geraldi (1991, p. 4-5) propõe que o professor e o linguista devem integrar um só corpo. Para ele, não há necessidade de se construir pontes entre a linguística e o ensino. Acontece, porém, que, na escola, na compreensão e na produção dos textos e na análise linguística, a linguagem não se dá como objeto epistemológico. Dá-se por inteiro, em sua dimensão política, histórica, social e contextual. Dá-se como um acontecimento interativo e multifacetado.

Para Geraldi, focalizar a linguagem a partir do processo de interação, e, com esse olhar, pensar o processo educacional, enquanto produção da linguagem e dos sujeitos significa admitir, como Bahktin, que a língua não está pronta, mas que o próprio processo interlocutivo na atividade da linguagem a faz (re)construir os sujeitos que a constituem, à medida que interagem uns com os outros. Sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” desse mesmo processo. Também não há um sujeito pronto, que entra na interação, mas o sujeito

se completando e se construindo nas suas falas, assim como interações não acontecem fora de um contexto social e histórico mais amplo.

Isso posto, para Geraldi o acontecimento interlocutivo recebe um estatuto diferente do que uma simples expressão verbal. Aponta ele três eixos merecedores de explicitação: a historicidade da linguagem, o sujeito e suas atividades linguísticas e o contexto social das interações verbais, vindo ao encontro dos conceitos de Vygotsky com relação à aprendizagem e de Bakhtin na questão interacional.

Outro aspecto importante que Bakhtin trabalha e que traz contribuições para se pensar na alfabetização é com relação ao valor da fala. Ao expressarmos a nossa compreensão sobre qualquer tema, nossa palavra retorna sempre modificada para o interior de nosso pensamento. Nesse aspecto, quanto mais se expressam as ideias, elas são mais bem formuladas.

Nesse sentido para Bakhtin (1992), as palavras não são “inocentes”, desprovidas de um sentido ideológico. Na verdade, a palavra é a “arena” onde ocorrem os confrontos de valores sociais contraditórios e os conflitos de classe, as relações de poder e dominação; adaptação ou resistência às normas pré-estabelecidas.

Ancorando-se no conceito de internalização de Vygotsky e no conceito dialógico de Bakhtin, pode-se afirmar que é de fundamental importância, ao refletir-se sobre os conceitos de ensino da linguagem na alfabetização, considerar a importância das contribuições da linguística para o processo da alfabetização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bakhtin destaca a importância da interação com “o outro”, que gera a nossa fala e Vygotsky, as zonas de desenvolvimento, em que esse “outro” pode e deve ser no caso da escola a professora ou um colega mais experiente, para que, em trabalhos em grupo, o aluno consiga se envolver e se comunicar de forma compreensível pelo seu interlocutor.

Nesse sentido, contribuições linguísticas para a área de alfabetização se fazem presentes, já no início do trabalho com relação à alfabetização e o ensino da Língua Portuguesa.

Outra grande contribuição é a questão da própria interação verbal no ato educativo, que Bakhtin nomeia de “realidade fundamental da língua”. Para ele: “A aprendizagem da linguagem é já um ato de reflexão sobre a linguagem”.

Ao tomar a linguagem como ponto de partida, enquanto produto de interações sociais, à luz de referencial teórico, não nos propomos a encontrar receitas no processo de alfabetização, mas sim possíveis encaminhamentos. Segundo Geraldi, quer queiramos ou não, estamos sempre definindo rotas, roteiros de viagens e... *Navegar é preciso*.

Conceber a linguagem como trabalho, como produção, significa colocar a linguagem, linguisticamente falando, como “mediação”, “interação” em sua materialidade social de comunicação.

Aponta-se, dessa forma, para temas importantes como a historicidade da linguagem; o sujeito e suas atividades lingüísticas e o contexto social das interações verbais. Esse deslocamento faz ver o ensino e as atividades interlocutivas de outra forma. Sendo assim, o que está em julgamento não é a língua do falante em si, mas os falantes que dela se utilizam. .

Precisamos reconhecer que existem variedades lingüísticas e valorizar essa pluralidade de fala que a criança traz de casa e que é diferente da ensinada na escola. Também se faz necessário evidenciar que, na escola, precisamos ensinar a variedade padrão e considerar outras variedades, por razões semelhantes às do aprendizado de outra língua, para termos acesso aos vários tipos de conhecimento. Isso, no entanto só será possível se o aluno for visto como sujeito da interação, com condições para transitar por diferentes discursos e construir um próprio.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogenese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GERALDI, J. W. (org). **O texto na sala de aula**. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

_____. (org). **Portos de passagem**. 2.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** 2.ed. São Paulo: Cortez; Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1997.

OLIVEIRA, M, K de Vygotsky. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

_____. **Pensamento e Linguagem.** 2ed. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1998b.